



CAROLINE
O'DONOGHUE

*Autora BESTSELLER
do NEW YORK TIMES*

UM
INCIDENTE
CHAMADO
RACHEL

MELHOR
LIVRO
DO ANO
TIME

SUMA
de letras

Aos homens na minha vida.
Ao Ryan Farrell, por me amar naquela altura,
ao Gavin Day, por me amar agora,
e ao meu pai, por me amar sempre.

Nunca planeei escrever sobre nada disto.

Bem sei que os jornalistas o dizem constantemente, mas, no meu caso, é verdade. A maioria de nós tem alguma grande experiência na vida que espera vir a transformar em livro um dia. Juro por Deus que essa nunca foi a minha intenção. O processo de elaboração de um livro foi-me desmistificado quando eu tinha vinte e um anos e desde então nunca acalentei qualquer vontade de me envolver fosse como fosse com livros.

1

Só costumo falar do Dr. Byrne com o James Devlin; portanto, sempre presumi que, caso o primeiro alguma vez regressasse à minha vida, seria através do segundo.

Estava enganada. Ele chegou-me através do *Toy Show*.

The Late Toy Show é um evento anual da televisão irlandesa no qual crianças fazem uma análise dos melhores brinquedos do ano e aconselham outras crianças no que respeita ao que devem pedir ao Pai Natal. É uma coisa importante para uma criança na Irlanda, e ainda mais importante se se for um adulto irlandês a viver no estrangeiro. É difícil explicá-lo a quem seja de fora. Esse facto constitui, por si, uma parte da atração. Ou se percebe ou não se percebe. Ou se é um de nós ou não se é. Talvez seja porque tanta gente se diz de origem irlandesa que vamos tornando as nossas piadas cada vez mais inacessíveis, postas em prateleiras cada vez mais altas, de modo que se tenha de pedir a um funcionário que as vá lá buscar.

Por todo o mundo, as pessoas reúnem-se para assistir ao programa, e os adultos aplaudem crianças de cinco anos a testar Polly Pockets ao vivo na televisão. Sou editora no *The Hibernian Post*, um jornal para os irlandeses na Grã-Bretanha. Cabe-me escrever acerca de movimentos de expatriados, pelo que tenho de escrever sobre o *Toy Show*.

— Tens a certeza? — pergunta a Angela. — Não quero mandar-te até ao Soho, com este frio, a três semanas do Natal.

— Não faz mal — digo, enrolando um cachecol em volta do pescoço até ao queixo, quase me estrangulando.

— Não quero parecer *aquela* colega — comenta ela. — Mas, no teu estado atual...

— Estou ótima, a sério.

Afago a minha barriga proeminente, tendo apenas recentemente chegado a uma fase relativamente calma na gravidez. As náuseas e a incerteza de risco dos primeiros meses haviam-me feito sentir que me encontrava no estádio inicial de uma longa viagem de caça à baleia. Já tinha, bem vistas as coisas, abortado antes. Porém, no mês sete, alcancei uma espécie de loucura lamentosa em alto-mar. Não consigo imaginar terra. Tanto quanto sei, vou ficar grávida para sempre.

Lá me dirijo, então, para o bar em Soho que, por uma só noite, se tornou um porto de abrigo para todos os que sentem saudades de casa. Costumava frequentar muitas destas noites de expatriados, concertadas em volta de referendos e exigências de mudança. Preocupava-me muito. Estava investida. E andava também a fazer muito dinheiro. Os jornais ingleses publicavam inúmeras rubricas acerca da luta dos irlandeses pelo aborto, e eu fui uma das pessoas a quem pediram que as escrevesse. Entrevistei ativistas, gente desde Marie Stopes, gente que perdera filhas ou mulheres em partos complicados porque um médico se recusara a agir em prol da mãe. Tratou-se de um instante ínfimo em que ser uma jornalista irlandesa em Inglaterra significava alguma coisa. Fui a protestos e depois acabava em festas. A minha lista de contactos transbordava de pessoas a quem prometia ebriamente algo, alguma forma de cobertura que estava absolutamente fora da minha jurisdição prover.

O meu telemóvel ainda agora, quatro anos e um *upgrade* do *iPhone* depois, se agarra a eles. CLARA ANULAÇÃO, SIOBHAN ANULAÇÃO, ASHLING ANULAÇÃO, DONNACHA ANULAÇÃO. Estranhos uns para os outros, mas brevemente ligados a uma árvore genealógica de gente que

queria a mesma coisa e que, agora que a temos, não tem quase nada a ligá-los.

Estamos felizes por ter o aborto e o casamento homossexual, mas sentimo-nos sozinhos em noites assim.

Não há lugares livres e, no meu atual acesso de loucura de mar alto, esqueço-me de que agora tenho direito a uma cadeira. Um homem aproximadamente da minha idade, confortavelmente instalado junto de um grupo de amigos, ofereceu-me a sua.

— Não quero intrometer-me.

O grupo, a desfrutar tão intensamente da noite, parece-me maioritariamente homossexual. Por cortesia para com os deuses sociais homossexuais, tenho de, pelo menos, fingir resistir a ser a mulher intrusa heterossexual. Estou, obviamente, ansiosa por me envolver.

Ele abana a cabeça e guia-me gentilmente até ao seu lugar.

— Não se preocupe, minha senhora, não se preocupe — diz, o sotaque dublinense a sobressair. — Que género de pessoas seríamos nós se deixássemos uma mulher grávida de pé no Natal?

— O que é que o Menino Jesus pensaria? — acrescenta um dos seus amigos, e, visto que agora estamos todos sentados tão próximo uns dos outros, não tenho outra alternativa senão tornar-me membro honorário do grupo. Sinto-me grata por isso. Fazem-me sentir grande e especial, como Maria a pairar perante os pastorinhos de Fátima.

O primeiro anúncio publicitário do intervalo começa e sinto um toque ao de leve na perna.

— Desculpe — diz um dos homens do outro lado do grupo, com quem ainda não falei. — Posso só perguntar...

Não consigo ouvir o que diz de seguida. O anfitrião da noite carrega no botão para silenciar o televisor e liga uma coluna de som. Começa a tocar «C'est La Vie», das B*Witched,

o volume demasiado alto, fazendo com que todos deem um salto na cadeira. O anfitrião baixa rapidamente o volume, erguendo os braços, num gesto de *desculpem lá*.

Volto de novo a minha atenção para o homem.

— ... sabe, por acaso, como é que ele está? — pergunta o tipo, acabando a frase que não ouvi.

Talvez seja por estar entre homossexuais ou por me perguntarem tão frequentemente pelo meu melhor amigo. Talvez seja o cérebro de grávida. Mas achei mesmo que ele me estava a perguntar pelo James Devlin. Aquele era o cenário ideal para me perguntarem pelo James. Ele ocupa uma interseção engraçada no diagrama de Venn da fama: irlandês famoso, homossexual famoso, famoso nas redes sociais, mas não *propriamente* famoso. Famoso o suficiente para, se estivesse aqui esta noite, ser parado para fotografias, mas não autógrafos. Famoso o suficiente para, sendo um de cinco argumentistas num filme, um dos jornais no nosso país escrever a seguinte manchete: «Filme de Hollywood escrito por nativo de Cork.»

— Nova Iorque — respondo com orgulho. — Está a sair-se muito bem, e não só nos vídeos do Instagram. Escreve para um dos *talk shows*.

Ele olha-me com um ar confuso, pelo que nomeio o dito *talk show*. Outro olhar confuso. Ele franze o sobrolho.

— Estava no seminário de terceiro ano dele, não estava? — pergunta. — Do Dr. Byrne? De Literatura Vitoriana?

— O Dr. Byrne — repito, e, por um segundo, o meu cérebro desliga-se. Como se tivesse ocorrido uma falha de eletricidade. Centenas de luzes de um edifício a desligar-se de uma só vez.

— Andava na University College Cork comigo. Tenho quase a certeza — diz ele, devagar. — Estava no meu grupo com ele. Na turma do Fred Byrne na UCC.

— Sim — respondo, e, apesar do choque ao ouvir o nome, fico de imediato ciente da mensagem de pânico que o meu rosto está a enviar. Descontraio as linhas de expressão, mas tarde demais. Preciso de explicar algo a este estranho, embora não saiba por onde começar. Como é que alguém compreenderia o ano em Shandon Street a menos que estivesse lá, conosco, a vivê-lo?

— Ouça, não queria... — diz ele, apercebendo-se de que meteu a pata na poça, mas sem fazer ideia de como sair daquela situação. — Pensei que, como era uma das preferidas dele, ou, pelo menos, assim parecia, talvez soubesse.

— Soubesse o quê? — pergunto. Como é que poderei informar subtilmente a este estranho de que não andava, apesar do mito popular que corria por Cork naquela altura, enrolada com o Dr. Byrne?

— Ele está em coma — responde o tipo, largando a informação para poder fugir dela. — Teve uma doença marada qualquer na cabeça e agora está em coma.

Estar tão grávida faz-me sentir o corpo em camadas — crosta, manto e núcleo — e todo ele ressoa quando penso no Dr. Byrne. O grande e estranho Dr. Byrne, amante de vinho francês e apreciador de pequenos bolos. Os pastéis de nata tipicamente portugueses que nos trazia, ainda quentes, do English Market. Aquele sabor amarelo e profundo, os pedaços de açúcar queimado no topo.

A música derrama das colunas para nos informar de que a pausa para publicidade acabou e o *Toy Show* regressa. Um rapazinho de Wicklow está a andar de bicicleta em círculos.

Preciso de ligar ao James.

2

É engraçado que eu e o James tenhamos acabado grandes amigos, tendo em conta que nas duas primeiras semanas da nossa amizade ele julgou que eu era uma pessoa completamente diferente.

Lembro-me da primeira vez que nos vimos como se fosse uma cena de um filme acerca de outra pessoa. Era uma quinta-feira de novembro e eu encontrava-me atrás do balcão da O'Connor Books. Estávamos em 2009. Era o meu último ano na universidade e faltavam vinte e nove dias para o Natal. O nosso gerente, o Ben, estava já preocupado com a possibilidade de aquela vir a ser uma época dececionante e andava sempre de um lado para o outro a fazer comentários sobre «a indústria». Falava da indústria livreira como se fosse um dragão acorrentado na cave que, a qualquer momento, nos desfaria, membro por membro. Mencionava a vaga de livros para oferecer no Natal — Dawn French e Julie Walters tinham lançado memórias concorrentes, creio eu — como se fossem cadáveres carbonizados que atirávamos na direção da boca do dragão para o manter saciado.

— Isto irá manter a indústria a funcionar — disse o Ben, com uma sinceridade quase comovente. Tinha mais fé nas memórias das atrizes do que imagino que as próprias Julie Walters ou Dawn French tivessem enquanto as escreviam.

Retirei mais uma pilha do armazém, a torre de livros a começar na minha cintura e a chegar-me abaixo do queixo.

O James Devlin começara a trabalhar como temporário de Natal na quinta-feira anterior, que eu tirara de folga para

conseguir terminar os meus trabalhos de fim de ano para a faculdade. O James passara o primeiro dia com a Sabrina. Mais tarde, dir-me-ia que ficara tão assoberbado com novas caras e nomes nesse primeiro turno que era tudo uma confusão. Quando lhe respondi que isso era treta, lançou as mãos ao ar e explicou que as mulheres heterossexuais lhe pareciam todas iguais.

O primeiro dia com a Sabrina deve ter sido divertido — um facto intrigante, tendo em conta que todos costumavam considerar a Sabrina pouco agradável — porque, quando o James levantou a tábua que dava acesso à zona do balcão, vinha cheio de conspirações.

— *Alguém* aqui tem sarna — disse ele — e deixou a loção no casaco.

Parece estranho agora descrever essa primeira conversa assim, porque não ajuda em nada a transmitir como o James era. Quão encantadora foi aquela frase de abertura para mim. «*Alguém* aqui tem sarna.» Proferiu-a como se fosse Poirot a investigar uma casa de campo maculada por um assassínio. Como alguém que via os preconceitos inerentes à nossa sociedade educada e estava preparado para os revelar. A segunda parte da frase era algo completamente diferente: «e deixou a loção no casaco.» Ele era do condado de Cork, de Fermoy para ser exata, o que para mim era campo, mas crescera no Reino Unido — um pouco por todo o lado, viria eu mais tarde a saber —, pelo que a sua voz tinha um sotaque peculiar, difícil de situar. Eu nascera em Douglas, uma pequena aldeia suburbana, três quilómetros a sul do centro da cidade, e ainda lá vivia.

— O quê? — perguntei, o choque da frase a estilhaçar a reserva vítrea que eu cultivara como parte da minha pessoa. A pessoa largamente conhecida como Rapariga Que Trabalha na Livraria. — E o que é sarna?

— Uma espécie de parasita.

— Como lombrigas?

— As lombrigas vivem dentro. A sarna é por fora. Já alguma vez tiveste lombrigas?

— Não.

— Nem sequer quando eras miúda?

Pensei no assunto.

— Micose. Será o mesmo?

— Como é que a apanhaste?

Ele estava genuinamente interessado. Aquilo levou-me a desenterrar memórias de que já não me lembrava, o que me deixou com a sensação de ter descoberto uma parte nova do relevo oceânico.

— Tínhamos um gato, um animal vadio. Acho que apanhei dele.

— É engraçado que nos anos noventa todos os animais de estimação eram de rua — comentou ele. Estava a iniciar a máquina registadora, teclando um número de seis dígitos. — Naquela altura, adotava-se um cão do meio da rua.

Quando comecei a trabalhar na livraria, acalentava uma certa expectativa em relação a como se deveriam desenrolar as conversas dentro de um espaço como aquele. Seriam acerca de livros, julgava eu. No entanto, raramente falávamos sobre leituras. Os gostos literários entre o pessoal eram extremamente variados, mas, ao invés de estimular um debate animado acerca de literatura, isso significava que nos deixávamos ficar sentados em silêncio com os nossos livros na sala de pessoal. O Ben gostava do seu Joyce. A Sabrina adorava Terry Pratchett, Douglas Adams e todos aqueles outros tipos de escritores em que nunca sabíamos quando estavam a brincar ou não. Outros elementos do pessoal sentiam-se variadamente fascinados pela psicologia *pop*, *freakonomics*, história local e tudo o que tivesse que ver

com *Simon's Cat*, mas eu também nunca iria encontrar nada em comum com eles.

Eu, por norma, lia... bem, romances. Acima de tudo, antigos. Livros que haviam sido detestavelmente populares em meados do século xx e, por consequência, aprovados pelo sistema cultural, mas suficientemente esquecidos pelos meus contemporâneos para me fazerem sentir especial. Gostava de mulheres mortas a falar fluentemente acerca da sociedade. Gostava de parágrafos longos sobre racionamento e despertares sexuais em França. Até ter começado a trabalhar na livraria, considerara-me bastante literata.

Estava ansiosa não para perguntar ao James acerca de leituras, porque já perdera demasiados potenciais amigos devido a essa linha de inquérito, mas para lhe perguntar algo real, ou aquilo que o meu cérebro de vinte anos considerava real. Queria algo tão bom quanto a cena da sarna.

No entanto, não houve tempo, porque nesse momento chegou uma dúzia de clientes e registámos-lhes as compras lado a lado. Por aquela altura, já havia feito isso centenas de vezes: estar ao lado de um colega durante horas, na máquina registadora, a fazer conversa fiada entre clientes. Sempre me sentira no meu elemento. Parece tolice dizer isto, ou que estou a atribuir grandes emoções a este turno tardio, muito depois de ter acontecido, mas aquele momento pareceu-me diferente. Havia um certo calor que lembrava os silêncios ocasionais em viagens com amigos chegados.

Quando o nosso turno acabou, ele perguntou-me o que ia eu fazer a seguir.

— Vou ter com o meu namorado — respondi, imediatamente preocupada com a possibilidade de, ao ir ter com o Jonathan, estar a perder a minha única oportunidade de me tornar a melhor amiga do James.

O James estava já a acender um cigarro.

— Para que lado vais?

— Sober Lane.

— Ah! — exclamou ele, e não percebi se ele se queimara ou se lhe ocorrera alguma epifania. — Eu fico na Travers Street. Acompanho-te até lá.

Seguimos juntos e, apesar da minha vontade de abrir o James ao meio e viver dentro dele, pareceu-me que não era o momento certo para lhe fazer perguntas. O James também não as queria fazer. Apetecia-lhe fazer suposições.

— Muito bem, ora vejamos. O teu pai trabalha num banco. Sorri.

— Errado.

— Então, é o teu avô quem trabalha num banco. Há aí um quê de banco.

— O meu avô trabalhou num banco, sim, mas o meu pai é dentista.

— Estás a ver? Eu sabia.

— Não sabias nada!

Ele abanou a mão sobre mim, como se estivesse a lançar um feitiço.

— Ah, sabes, eu apanho muito bem o tipo de classe média refinada. Dinheiro *velho*, *velha* Cork. Agora, a tua mãe é uma de duas coisas, ainda não decidi qual: uma bêbeda fantástica e magra ou uma grandessíssima chata. Uma boca pequena e cerrada, como a de um canário. Estou perto?

Ri-me, perguntando-me como é que ele poderia saber aquilo.

— Mais ou menos. A segunda — respondi, e depois senti-me maldosa.

A minha mãe também trabalhava na clínica dentária e, visto que a área de intervenção do meu pai era maioritariamente

estética, tinham ambos sofrido com a alteração das prioridades de um país com menos motivos para sorrir.

— E o namorado... o namorado, o namorado, *o namorado*. Estou outra vez dividido entre duas hipóteses. — Mexera tanto as mãos enquanto falava que a ponta acesa do cigarro caíra, e ele parou para o acender de novo. — Juntos desde o liceu, o casal do vosso ano, toda a gente pensa que se vão casar, mas tu não tens tanta certeza. Planeiam ir juntos à Tailândia. — Ele exalou. — *Ou* um homem mais velho, a fazer um doutoramento ou algo do género, com uma diferença de idade um pouco inapropriada, um pouco marrão, os teus amigos odeiam-no, mas não to dizem.

Não sei porque é que ele terá achado que não haveria problema em insultar toda a gente que eu conhecia, fosse real ou imaginada. Mas sentia-se seguro de que se safaria, pelo que eu deixei que se safasse.

— Nenhum dos dois — respondi, defendendo o Jonathan. — Ele não é nenhuma dessas coisas. Não é categorizável.

— Mas de qual dos dois tipos está mais próximo?

Pensei na questão.

— Bem, do primeiro, suponho. — Coisa que só disse por ser a opção menos má.

Estava apaixonada, ou assim o julgava. O meu problema era conseguir que as pessoas levassem esse sentimento a sério. Eu tinha vinte anos e precisava de duas coisas: estar apaixonada e ser levada a sério.

Eu e o Jonathan éramos ambos miúdos de Cork que haviam crescido nos subúrbios da cidade e sentíamo-nos ressentidos por frequentar a universidade lá. A nosso ver, havia seis bons bares e três boas discotecas, e representávamos bem o papel de estarmos fartos da cidade de Cork, enquanto, em simultâneo, não nos esforçávamos minimamente por visitar

o que quer que fosse ou fazer algo que não tivéssemos feito aos dezassete anos.

Enquanto casal, éramos obtusamente sérios e curiosamente conservadores nas nossas perspetivas. Não há muito tempo, tive de me aventurar numa antiga conta de *e-mail* para mudar a palavra-passe por um motivo qualquer. Enquanto lá estava, encontrei um dos meus trabalhos de Sociologia dessa altura, o período do Jonathan, enviado por correio eletrónico para o meu professor. Chamava-se «O Patriarcado na Irlanda Moderna». Cliquei, ansiosa por ver o que o meu jovem eu tinha a dizer sobre a subjugação das mulheres na Irlanda.

«Não está em causa se o patriarcado é ou não um elemento na Irlanda moderna», dizia a frase de abertura. «A questão é: porque é que o patriarcado tem sido tão injustamente ridicularizado enquanto princípio organizacional?»

O trabalho chocou-me. Estava a ser totalmente sincera. Eis-me ali, com dezanove anos, a mesma rapariga que usara o dinheiro do seu aniversário, apenas dois anos antes, para comprar a pílula do dia seguinte num país que a tornava propositadamente incómoda e desconfortável de obter, a defender o patriarcado. Li tudo e apaguei o *e-mail*. Depois andei por Londres durante dois dias, paranoica. Paranoica como só as pessoas da minha geração o conseguem ser com a ideia de que estava prestes a ser publicamente ridicularizada por um coletivo invisível de gente *online* por crimes ideológicos cometidos em adolescente. Julgara que sempre havia sido feminista. De certeza que *nascera* a saber que as coisas eram injustas. Mas não, tudo isso veio mais tarde, aos vinte e tal anos, quando vivia em Londres.

No entanto, foi essa rapariga que o Jonathan conheceu, e que eu e o Jonathan criámos juntos. Sentávamo-nos em bares e inventávamos opiniões, na maior parte das vezes limitando-nos a pegar

em consensos alargados e invertendo-os. Para nós, um pensamento radical era detestar o filme *O Repórter: A Lenda de Ron Burgundy*.

O James deixou-me à porta do Sober Lane. Perguntei-lhe se ele queria entrar e conhecer o meu namorado. Ele disse que não.

— Não te quero arranjar problemas — disse ele. — Não quero que ele pense que lhe estou a roubar a namorada.

Ri-me, porque o James era claramente homossexual e a ideia de me roubar fosse de quem fosse me parecia ridícula. No entanto, a minha gargalhada foi demasiado longa, e alta, e o modo como o James me olhou deixou-me a cara a arder. Estava magoado, não saíra do armário e achava que era um bom esconderijo. Parei de rir.

— Ele não é ciumento — apressei-me a responder, e um raio de luz regressou ao rosto do James.

Despedi-me do meu novo amigo e entrei no bar, onde o Jonathan me esperava, recriminando-me por ter sido mal-educada.

Porém, o James roubou-me efetivamente do Jonathan. No decurso de apenas um mês, eu iria ser colonizada pelo James a um nível molecular e a minha personalidade moldar-se-ia em volta da dele sempre que havia espaço para tal. A história oficial é que o Jonathan me deixou. A verdade é que eu o deixei por outro homem.

Eis a história que o James adora contar a toda a gente: «Eu e a Rachel só nos zangámos uma vez, e aconteceu antes de nos conhecermos bem.»

E eu, por norma, digo: «Tivemos uma única discussão, e o James ainda julgava que eu era uma rapariga chamada Sabrina.»

Então, ele continua: «Portanto, na verdade, a primeira zanga foi com a Sabrina.»

É claro que desde então já nos zangámos mais vezes. Duas. Não falamos disso.

Tinham passado algumas semanas desde que o James me acompanhara ao Sober Lane, e ele não voltara a mostrar o mesmo interesse por mim. Comecei a ficar magoada com ele. Não era justo lançar sobre mim a sua luz, com tanta intensidade, e depois afastar-se, deixando-me às escuras, com frio, junto do meu grupo chato. A maior parte dos meus amigos chegados fora para uma faculdade fora. Aqueles com melhores notas para Trinity, os aspirantes a professores para Mary I. Os que me restavam ou eram raparigas com quem me dera superficialmente no secundário ou amigos do Jonathan.

O James era a primeira pessoa em anos de quem eu queria ser amiga com todas as minhas forças, mas o sentimento não me parecia recíproco. Além disso, ele encantara todos os chefes, de tal forma que lhe davam sempre os melhores turnos.

Eu ainda não sabia como me zangar com as pessoas, pelo que me limitei a imitar o comportamento a que assistira em casa: comunicar com frases curtas e concisas até a pessoa enlouquecer. Era assim que a minha mãe se zangava comigo, era assim que eu me zangava com os meus irmãos mais novos e era assim que eles se zangavam com os amigos. Não é que não conseguíssemos ser calorosos, como família. Mas sentíamos-nos regularmente seduzidos pela ideia de que estávamos a ser injustiçados. As pessoas faziam-nos constantemente mal. O facto de a mais recente crise económica ter devastado o negócio dos meus pais e esgotado os seus investimentos constituía mais uma prova de que o mundo andava atrás dos Murrays. Naquela altura, ripostávamos ignorando esse mesmo mundo.

Ao fim de algum tempo, o James sentiu a minha frieza e flutuou na direção dela. Continuou a tentar meter conversa, fazendo piadas sobre os meus antepassados bancários. Eu ignorava-o. A questão dos turnos incomodava-me, de facto. Chegara à conclusão de que o James era uma pessoa egoísta

e superficial — talvez um sociopata — e de que me iria manter afastada dele, até que ele percebesse o seu erro e deixasse de açambarcar os bons horários.

Depois de eu ter ignorado algumas das suas tentativas de meter conversa, ele passou para o lado de dentro do balcão para tratar de umas encomendas. Começou a tocar-me continuamente com uma caneta, espetando-a na parte de trás do meu joelho e acertando num nervo. O joelho fletiu e eu desequilibrei-me um pouco. Não caí, mas a perturbação na gravidade deixou-me maldispоста e irritada. Pedi-lhe que parasse. Ele soltou uma gargalhada e pôs-se a atender um cliente como se nada tivesse acontecido.

Uma hora depois, voltou a repetir a proeza. Aconteceu o mesmo. O fletir do joelho, a náusea, a ira. Gritei-lhe que parasse e ele encolheu-se de forma histriónica: o minúsculo Jerry, de olhos esbugalhados, ante o meu enorme e corpulento Tom. Ele já topara que eu me sentia insegura em relação ao meu tamanho — um metro e setenta e oito, tão próximo do metro e oitenta que eu arredondava muitas vezes para rematar a conversa.

Não estava ninguém por perto, exceto o nosso gerente, o Ben, e, no preciso momento em que me virei, o James repetiu a brincadeira. O movimento foi tão inesperado que me fui completamente abaixo. O Ben riu-se tanto que se esqueceu do dragão. Fiquei tão zangada que, por instantes, perdi as minhas boas maneiras suburbanas e empurrei o James, fazendo uso de toda a força do meu corpo, contra a parede atrás do balcão. A prateleira de cima, repleta de livros reservados para clientes fiéis, abanou e a pilha tombou. Os pensamentos de capa dura de Dawn French atingiram o James e fizeram-lhe um golpe por cima do olho. Começou a sangrar, a franja lisa a coagular em volta da ferida como uma gaze.

— Rachel! — gritou o Ben. — O que estás a fazer?

Foi então que o James descobriu que eu não me chamava Sabrina. Sorriu para mim enquanto o Ben foi a correr buscar o estojo de primeiros socorros.

— Até que enfim — disse ele, rindo-se com uma espécie de carinho estranho e fresco. — Cá está ela.

Senti-me tão mal com o que se passara que convidei o James para irmos beber um copo depois do trabalho.

— Muito bem, assassina — respondeu ele, sorrindo e enrolando o cachecol extremamente fino em volta do pescoço fino. — Tens uma mesa reservada no clube de golfe?

O fascínio do James pelo facto de eu ser de classe média não mudou desde o dia em que nos conhecemos, e por vezes pergunto-me se toda a sua amizade por mim não se baseará num desejo de catalogar os meios de subsistência exatos dos dentistas e respetiva prole. Eis um exemplo de pergunta que pode surgir numa mensagem enviada a qualquer altura do dia ou da noite: «A Bridget serve as cenouras cortadas às rodelas ou em tiras?»

«Em tiras», respondo.

«Bem me parecia», diz ele.

Não me surpreenderia se descobrisse que ele estava a escrever um livro.

Estávamos na altura das festas de Natal e, ao fim de algumas tentativas falhadas em bares normais, encontrámos um restaurante de tapas na Washington Street que estava a tentar convencer Cork a aderir ao conceito de pratos pequenos, com a opção de trazer o seu próprio vinho. A coisa tornou-se acidentalmente romântica e fiquei nervosa perante a perspectiva de que o James pensasse que eu estava a tentar desfazer o meu anterior passo em falso forçando-o a sair comigo num encontro. Pus-me a narrar em voz alta o menu, acusando o restaurante de tentar fazer com que presunto parecesse elegante.

O James apoiou o seu pequeno rosto nos dois punhos fechados, apreciando a conversa sobre o presunto.

— Pratos pequenos — comentou ele. — Então, se eu tivesse precisado de pontos, seriam pratos grandes?

— Ostras — respondi.

— E se tivesse partido alguma coisa?

— Não sou nenhuma instituição de caridade — retorqui, e ele riu-se.

— É assim que acontece. Eu leio os jornais. Os ricos tentam comprar-nos com um gesto grandioso para evitar que os processemos.

— Porque é que achas que sou rica? Eu não sou rica.

Ele apontou para o que nos rodeava, o menu numa ardósia onde se lia «Especialidades», os castiçais nas garrafas de vinho vazias, presumivelmente trazidas por clientes de várias casas da cidade de Cork.

— Vivo em casa dos meus pais, só isso.

— Ah. Estás a trabalhar para arranjar dinheiro para os teus botões, é isso?

Disse ao James que encomendasse o que lhe apetecesse, e, apesar das suas ideias preconcebidas acerca da minha riqueza, mandou vir a garrafa de vinho mais barata e uma taça de caju. Segundos depois, trouxeram-nos uma garrafa de água e dois copos minúsculos.

— Não — disse ele, servindo a água. — Ninguém trabalha assim como tu se não precisar.

— Bem. — Encolhi os ombros.

— Tu trabalhas quintas, sextas, sábados e domingos — enumerou, contando pelos dedos. — E acho que uma vez te vi numa segunda-feira à tarde. Mas também andas na faculdade, não é?

— Vou trabalhar sempre que o Ben me liga a pedir. — Encolhi novamente os ombros, ficando bastante ciente de

quão aborrecido esse gesto é enquanto ferramenta de diálogo.
— Olha — disse.

O empregado chegou com o vinho, os cajus, e perguntou «Já estamos a pensar na comida, malta?», ao que o James respondeu que para já os cajus seriam o suficiente.

— Continua — pediu-me, mal o empregado se afastou.

— Tive de pagar as propinas — expliquei, tentando manter um tom franco e não pesaroso. Contei-lhe o que não contara a ninguém: que os meus pais, que facilmente me haviam mandado a mim e aos meus irmãos para escolas privadas, não puderam pagar-me a faculdade.

Nos bons tempos, quando quer as finanças da minha família quer a minha reputação de filha responsável se mantinham intactas, o meu pai dera-me um cartão de crédito. Tinha um trabalho regular de *babysitting*, mas o cartão servia para pagar despesas extra, como livros, blocos de notas e viagens de táxi para regressar a casa quando ia sair à noite. O cartão fora-me entregue, cerimoniosamente, depois de uma longa conversa acerca de como era melhor ter um cartão de crédito porque significava que se poderia construir uma classificação de crédito.

Foi algo que o Jonathan achou muito divertido. Os pais dele eram funcionários públicos, e ter uma namorada com «o cartão de crédito do papá» fazia-o sentir-se muito terra a terra. Mas, na verdade, pouco o usei. Até às primeiras semanas do primeiro semestre na UCC, quando deixou de funcionar.

— Pai — disse, na livraria do *campus*, saindo da fila para lhe ligar —, esqueceste-te de pagar o cartão?

— Não — respondeu ele. — Não me esqueci.

Senti um baque nas entranhas que se assemelhava a medo, mas que, na verdade, era a primeira dose de realidade que alguma vez tinha experimentado.

Desde o início da crise, os meus pais tinham deixado de viajar, de ir a restaurantes e de comprar coisas novas. Pensei que estariam a ser prudentes. Não me apercebera de quão falidos estávamos. Foi nessa mesma chamada que soube que, além do cancelamento do cartão de crédito, teria também de arranjar forma de pagar as propinas da faculdade.

Naquela altura, as propinas eram bastante simbólicas na Irlanda, no máximo alguns milhares por ano, e toda a gente que eu conhecia tinha quem lhes pagasse as propinas. Isto, por si só, é, de certa forma, revelador de quão estratificado o meu mundo era. O meu pai tinha vergonha e eu sentia-me embaraçada por ele.

— Vamos ter de arranjar uma solução, Rachel — disse ele, como se estivesse a acalmar um corretor de apostas zangado.

Não queria que eu pedisse um empréstimo. A sua confiança nos bancos estava demasiado abalada.

— Claro — apressei-me a responder. — Posso trabalhar.

— Certo — disse ele. — E ficaria... *entre nós*. Os rapazes não precisam de saber.

Eu mantivera o assunto entre nós. Mas agora era entre mim e o James, também. Sentia-me mal por ter traído a confiança do meu pai, mas queria lançar o meu novo amigo com confidências. Felizmente, estava a resultar. O James sentiu muito intensamente o drama da situação.

— Isto é muito... Não sei. Parece uma peça de teatro.

Desatei a rir.

— Não é nenhuma peça de teatro.

— É muito uma peça de teatro — ripostou ele asperamente.

— Não é assim tão mau — comentei, com receio de atrair piedade. — Já paguei as propinas deste ano e não vou fazer mestrado, por isso agora estou só... a amealhar. — Apontei para a mesa. — Devíamos pedir comida a sério.

— Devíamos viver juntos — propôs ele.

— O quê? — Engasguei-me com o vinho. — Tu nem sequer me conheces.

— Sei que te chamas Rachel — respondeu ele, e, na altura, pareceu-me uma piada, porque ainda não sabia da história da Sabrina. — E que gosto de ti. De qualquer forma, não me agrada o sítio onde estou. — Examinou um caju. — E acho que nos íamos divertir, não achas? Há uns sítios simpáticos perto de Shandon Street. Que sei que tecnicamente é no lado norte, mas vais ultrapassar isso, certo? A menina rica da zona sul a passar um mau bocado no lado errado da cidade? Muito teatro. Uma autêntica *peça*.

Olhei para ele de viés.

— Já encontraste a casa, não já?

— Sim.

— E a pessoa com quem te *ias* mudar desistiu.

— Sim — respondeu ele, sem arrependimento.

— E eu sou o teu último recurso.

— Não, não, Rachel! Não! — Olhou para mim, horrorizado. — Acabei de pensar nisso agora mesmo. Tu és a sorte grande que me bateu à porta *antes* de eu consultar a minha lista de últimos recursos.

— Oh.

— Bem, pensa nisso.

Seguimos em frente, conversámos sobre todo o tipo de tretas, e, quando cheguei a casa no autocarro das onze da noite, os meus pais estavam à mesa da cozinha. O dono do espaço onde o meu pai montara a clínica afogara-se no Lee. Vinha no *Evening Echo*. O meu pai nunca conhecera o senhorio, fora sempre tudo tratado através de um advogado. Os meus pais estavam preocupados com a possibilidade de a viúva aumentar a renda ou vender o edifício.

Nos anos que se seguiram, perguntei a outros irlandeses se se lembravam dos suicídios, dos suicídios de empresários que ocorreram por volta desta altura. Todos dizem que não, nem por isso. Talvez ande a perguntar às pessoas erradas, ou toda a gente se tenha esquecido. Talvez Cork tenha sido mais afetada, ou a recessão tenha sido apenas uma ideia, não algo real de que toda a gente falava diariamente.

— Vou sair de casa — anunciei, e a minha mãe olhou para mim como se eu tivesse atirado um frasco de molho ao chão e agora saltasse por cima dele, com a desculpa de que tinha um táxi à espera lá fora.

— Com quem?

— Um tipo do trabalho.

A falta de tato. Faz-me querer entrar num carro e imolar-me. Dá-me vontade de gritar ao meu próprio filho por nascer: «Não te atrevas a abandonar-me assim.»

— De qualquer forma, vocês têm andado a falar de se mudarem para uma casa mais pequena — expliquei. O que era verdade. Tínhamos cinco quartos: o deles, o meu, o do Christopher, o do Kevin e um pequeno quarto vago que usávamos como escritório. Havia uma banheira de hidromassagem no exterior, presente do meu pai para a minha mãe no seu quadragésimo aniversário.

Falavam constantemente em vender a casa. «Daqui a uns anos vão-se todos embora», dizia o meu pai. «E esta casa vai valer ainda menos.» A minha mãe interpunha-se. «Ou mais», retorquia ela. «Não sabemos o que vai acontecer.»

A minha mãe olhava-me fixamente. Odiando-me por ter colaborado na ideia de um sítio mais pequeno. Mas era tarde demais e eu já decidira.

Voltei a casa, com a roupa suja, para o Natal. Lembro-me de pensar que eles pareciam mais velhos, mas ninguém poderia

ter envelhecido tanto em dez dias. A verdade é que eu fora extremamente protegida. Pensava nos meus pais como cabeças na Ilha de Páscoa e precisei de me mudar para uma casa a três quilómetros para compreender que sempre haviam sido pessoas.

— Aos vinte é tarde para perceber isso — diz o James.
Provavelmente, tem razão.

Uma história genuinamente engraçada e perspicaz sobre um amor inesperado, os segredos que nos unem e os limites a que chegamos por aqueles que amamos

Rachel é uma estudante de vinte e um anos que trabalha numa livraria quando conhece James, com quem desenvolve uma intensa amizade. James convida, então, Rachel para partilhar uma casa consigo e os dois dão início a uma amizade que mudará o rumo das suas vidas para sempre.

Quando Rachel se apaixona pelo Dr. Fred Byrne, o seu enigmático e casado professor de Inglês, James ajuda-a a conceber um plano com o objetivo de ela o seduzir. Mas, à medida que as vidas de Rachel e James se entrelaçam cada vez mais com as do Dr. Byrne e da sua glamorosa mulher, eles serão confrontados com escolhas impossíveis, e um segredo chocante ameaça tudo o que lhes é querido.

HILARIANTE

TIME

DIVERTIDO

The SUNDAY TIMES

INTELIGENTE

The GUARDIAN

SENSACIONAL

KIRKUS REVIEWS

SARCÁSTICO

The NEW YORK TIMES

PERSPICAZ

The WASHINGTON POST



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897876509



9 789897 876509 >